



A INTRODUÇÃO DOS ESTUDOS AFRICANOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA NA ÁREA DE HISTÓRIA – 1959/1987
MARIANA SCHLICKMANN*

Carlos Lopes, John Fage e Philip Curtin,¹ analisaram a construção da historiografia africana na Europa e nos Estados Unidos e apontaram alguns pressupostos de como a África é/era apresentada nas produções ocidentais e nos estudos dos próprios africanos. No Brasil, alguns pesquisadores realizaram esforços parecidos, mas focando sempre a primeira metade do século XX. Dessa maneira, faz-se necessário elaborar uma análise historiográfica que objetive principalmente examinar as obras produzidas na segunda metade do século XX sobre o continente africano no Brasil. O presente artigo busca, em certa medida, preencher esta lacuna. Neste sentido, pretendemos realizar uma análise quantitativa, identificando no material publicado no Brasil e escrito por brasileiros de 1959 a 1987, quais as principais áreas e subáreas de pesquisa, o perfil dos pesquisadores, recortes geográficos e temporais mais comuns.

É evidente a relevância dos Centros de Estudos Africanos da UFBA, da USP e da UCAM na institucionalização do campo, pois a partir destes espaços de produção do conhecimento, as pesquisas se institucionalizaram e puderam ser aprofundadas. Os três núcleos de pesquisa possibilitaram diálogos para intercâmbios acadêmicos e contribuíram para a propagação de conhecimento brasileiro sobre a África, pois até então era extremamente difícil encontrar bibliografias sobre o assunto, e quando havia, raramente tratava-se de texto em português.²

Em razão da importância destes centros construímos a delimitação cronológica de nossa proposta. O recorte temporal é 1959, ano de fundação do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, o primeiro do Brasil, inaugurando um novo momento de aproximação política entre o Brasil e alguns países africanos; e termina em 1987, ano em que a primeira dissertação de mestrado na área de história, escrita no Brasil, sobre África foi defendida.

*Artigo fruto da dissertação de mestrado intitulada A INTRODUÇÃO DOS ESTUDOS AFRICANOS NO BRASIL NOS ANOS 1959 -1987, defendida em 27/02/2015 na Universidade Federal de Minas Gerais, com financiamento da CAPES.

¹ FAGE, John D. A evolução da historiografia da África. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África, V. 1. Metodologia e Pré-História da África*. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982. CURTIN, Philip. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuições à história em geral. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África, V. 1. Metodologia e Pré-História da África*. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982. LOPES, Carlos. A Pirâmide Invertida - historiografia africana feita por africanos. In *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Lisboa: Linopazas, 1995, p. 21-29.

² OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África em Perspectiva. *Revista Múltipla*, Brasília, 10(16): 9 – 40, junho de 2004.

As revistas dos centros de estudos conformaram fontes importantes para este trabalho, uma vez que contêm não apenas artigos da época sobre o tema, como também os editoriais e as notícias que auxiliaram na compreensão do funcionamento destes núcleos de pesquisas. As monografias defendidas entre 1969 e 1987 também foram estudadas, indicando a produção acadêmica e os principais pesquisadores do período.

O ponto de partida para localizar a produção centrou atenção nos registros do *Currículo Lattes*, quando listamos um enorme volume de livros sobre África publicados por brasileiros, acadêmicos ou não, no período. Pesquisadores já falecidos ou que não possuem cadastro no sistema *Lattes* também foram indexados. O principal critério de busca foi a produção acadêmica, considerando também a proeminência de autores(as) que debatem pesquisas sobre África no Brasil em seus artigos.

No levantamento realizado para esta pesquisa, além de 17 monografias produzidas por brasileiros, foram localizados 37 livros dedicados ao tema, e ainda os volumes da revista *Afro-Ásia*, publicada desde 1965 pelo Centro de Estudos Afro-Orientais/UFBA; os da *Estudos Afro-Asiáticos*, pertencente ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UCM que circula desde a década de 1970; e as edições da revista *África*, fundada em 1978 pelo Centro de Estudos Africanos/USP.

Afro-Ásia

A primeira revista acadêmica brasileira dedicada a estudos sobre África foi a *Afro-Ásia*, fundada em 1965, 6 anos após a criação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, a que é vinculada. Nos anos delimitados pela pesquisa (1959-1987) foram publicados 14 números da revista, em 9 volumes que totalizaram 90 artigos, sendo 40 da área de História. Dentre eles, 18 na área de História da África, ou seja, quase metade do total de publicações de História.

De modo geral, a maioria dos artigos se dedica ao estudo do século XX e as questões pertinentes àquele momento, como o colonialismo e as independências africanas. A religiosidade e o período da escravidão também foram explorados, assim como a industrialização na Nigéria e questões teóricas sobre História da África. Daomé, Congo, Angola e Nigéria foram os principais países pesquisados, além de debates e apontamentos sobre o continente como um todo, principalmente nos artigos sobre o tema do colonialismo. Dos autores, 5 são do CEAO/UFBA, e os demais pertencem a instituições estrangeiras.

Estudos Afro-Asiáticos

A Revista *Estudos Afro-Asiáticos* foi fundada em 1978, 5 anos após a criação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA). No recorte que analisamos, até o ano de 1987, foram publicados 13 números da revista, em 11 edições.

Destas 13, 3 são dedicadas inteiramente a comunicações apresentadas em eventos do CEAA. A revista número 6/7 de 1982 contém as 53 comunicações do 1º Seminário Internacional Brasil-África, realizado pelo CEAA e a revista número 8/9 de 1983 concentra as comunicações do Encontro Nacional Afro-Brasileiro. Por não se tratarem de artigos, mas sim das falas e alocações dos participantes, estes 2 exemplares não foram analisados. A revista 11 de 1985 fez parte do conjunto analisado, pois publicou os anais, artigos apresentados no Colóquio da Afro-Latinidade, também organizado pelo CEAA.

Nesta revista, 12 artigos dedicaram-se ao campo da História, e 7 deles à História da África. Destes, apenas 2 não se voltaram ao século XX, tratando do retorno de escravizados ao continente africano e de questões de identidade e assimilação cultural. Os outros textos pautam o século XX e assuntos como o *apartheid* e o colonialismo, recorrentes nas pesquisas do CEAA. Estes temas normalmente englobam o continente africano por inteiro em seu recorte geográfico, e estes artigos não fogem à regra. Namíbia, África do Sul e relações entre África com outras regiões e lugares também foram estudados. Sobre os pesquisadores, 2 eram vinculados ao CEAA, 1 a PUC-RIO e os demais pertenciam a universidades estrangeiras.

Praticamente todos os artigos utilizam a bibliografia como fonte e somente um usa entrevistas, mas em sua bibliografia não registra metodologia referente a história oral. Do mesmo modo, a maior parte das referências são de autores estrangeiros, africanos em especial. Nelson Mandela, Amílcar Cabral, Kwane N'Krumah e Leopold Senghor foram frequentemente utilizados, além de outras importantes referências na área, como Catherine Coquery-Vidrovitch, Albert Memmi, Jean Chesneaux, Henri Grimal, Philippe Decraene e George Padmore.

África

A revista do Centro de Estudos Africanos da USP, denominada *África*, foi fundada em 1978, e comandada pelo seu diretor, Ruy Galvão de Andrada Coelho, e principalmente pelo

vice-diretor, Fernando Augusto Albuquerque Mourão. Dentro de nosso recorte, analisamos 92 artigos, distribuídos em 10 revistas publicadas ininterruptamente, de 1978 a 1987.

No periódico *África*, 21 artigos na área de História foram publicados, e destes, 13 em História da África. Os recortes temporais são mais variados nesta revista do que nas duas primeiras, com trabalhos sobre os séculos XVI, XVIII e XIX. Os temas também variam, e Rainha Nzinga, cultura yorubá, historiografia, ancestralidade, história de doenças, são alguns dos assuntos tratados. Quanto aos pesquisadores, só há 1 brasileiro, e 1 norte-americano, os demais são todos africanos, em sua maioria professores universitários.

Por serem muitos estrangeiros, a bibliografia que utilizam também não é brasileira. Em geral, as bibliografias utilizadas pelos autores da revista *Estudos Afro-Asiáticos* são similares às do periódico *África*. Jan Vansina, John Fage, Leopold Senghor e B. Malinowski foram nomes recorrentes, além de uma grande quantidade de distintos autores africanos. As fontes utilizadas também foram muito variadas, e nos artigos há um maior equilíbrio entre fontes bibliográficas e primárias, além do uso de entrevistas. Os recortes temporais mais frequentes foram o continente africano como um todo, com 5 trabalhos, e, em específico, Angola com 4, Nigéria com 2, Zaire e Benin tiveram um trabalho cada.

Analisando os trabalhos, podemos perceber que a maioria dos escritos pertence a historiadores estrangeiros, em grande parte africanos. Este dado mostra não só a capacidade de articulação e alcance dos periódicos, mas também que os historiadores brasileiros, contribuintes com as revistas, estavam mais voltados para os estudos afro-brasileiros do que estudos africanos. As dificuldades em encontrar e acessar fontes primárias e bibliografia em português pode ter sido uma barreira para estes pesquisadores, e por isso entre os que se dedicaram a escrever artigos sobre o tema, somente um não era vinculado a um CEA.

De um modo geral, a maioria dos trabalhos elegeu o século XX como recorte temporal, e as questões pertinentes ao momento vivenciado, como colonialismo, independências e negritude foram muito debatidos. A disputa teórica sobre História da África também apareceu, pois os artigos na década de 1980, como já vimos, foram palco de diversas mudanças teórico-metodológicas. Estes temas que demandavam análises abrangentes acabavam necessariamente a ampliar o recorte geográfico, e por isso o continente como um todo foi mais pesquisado do que países individualmente.

Monografias

No recorte temporal desta pesquisa, das 17 monografias defendidas, 4 eram da área de História, sendo 3 realizadas no exterior. A dissertação de Mario José Maestri Filho, *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano*, foi defendida na Bélgica, em 1977. José Flavio Saraiva fez sua dissertação, intitulada *Angola - Brasil, 1500-1980. Estudio de un caso en las relaciones y vinculaciones de África con América Latina* no *El Colegio de México*, em 1985. No mesmo ano, Manolo Florentino defendeu na mesma instituição a dissertação *La Trata Atlántica y las Sociedades Agrárias del Africa Occidental (Ensayo Sobre las Consecuências del Tráfico Negrero en la Agricultura del Oeste Africano, c. 1450-c.1800)*. E, a primeira monografia sobre história da África realizada no Brasil, defendida por Selma Alves Pantoja, em 1987, intitulada *Nzinga Mbandi: Comércio e Escravidão no Litoral Angolano no Século XVII*.

Os trabalhos de Pantoja e Maestri Filho e por ter o mesmo recorte geográfico, e um recorte temporal muito próximo, utilizam fontes e referências bibliográficas similares. Ambos fazem uso de documentos escritos por membros da Igreja Católica, além do acervo da administração portuguesa em Angola. Além disso, usam autores como Jan Vansina, Jean-Luc Vellut e Filippo Pigafetta como referência. Pantoja utiliza a dissertação de Maestri Filho como fonte também, além de um arcabouço um pouco mais atualizado, com autores da *Coleção História Geral da África* e nomes que se consolidaram como referência na área, como Catherine Coquery-Vidrovitch, Beatrix Heintze, Paulo Lovejoy, Claude Meillassoux e Joseph Miller.

Já a dissertação de José Flavio Sombra Saraiva procura abranger um recorte temporal de cinco séculos e um recorte geográfico de dois continentes, acabando por priorizar Brasil e Angola neste contexto. Como Saraiva é especialista em relações internacionais, as fontes e bibliografia são dirigidas para este olhar. Ele utiliza um denso volume de fontes documentais e bibliográficas, ambas em diversos idiomas, principalmente em português, inglês, francês e espanhol.

Manolo Florentino, que realizou seu mestrado na mesma instituição e mesmo período que Saraiva, compartilha com o pesquisador uma metodologia, bibliografia e fontes semelhantes. Florentino também abrange em sua pesquisa um grande recorte temporal e espacial.

Os 10 anos que separaram o trabalho de Maestri Filho e de Pantoja foram marcados por importantes mudanças teórico-metodológicas, que podem ser percebidas nas dissertações.

Apesar de utilizarem as mesmas fontes, a obra *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano* ainda se utiliza de autores eurocêntricos e com uma visão limitada de África. Este arcabouço teórico-metodológico impediu o autor de explorar as fontes em sua complexidade e multiplicidade, diferentemente de Pantoja que, pautada em autores que a auxiliaram a dar novos olhares as fontes, dedicou-se a um objeto de pesquisa tão original quanto foi seu trabalho, caracterizando assim sua dissertação ao movimento historiográfico da década de 1980, mencionado no primeiro capítulo de nosso trabalho.

A dissertação de Manolo e Saraiva, por sua vez, encontra-se entremeio esta transição. A tentativa de abarcar um grande recorte geográfico e temporal fez com que seu trabalho se aproximasse da abordagem tradicional de José Honório Rodrigues, discutido logo em seguida. Contudo, a busca por fontes heterogêneas e bibliografia diversificada também o aproximou do novo modo de se fazer História da África.

Livros

Ao todo, mapeamos 37 livros que se dedicam a pesquisa acadêmica sobre África. Dentre estes, 8 são do campo da História, dos quais 1 foi publicado na década de 1960, 1 na de 1970 e 6 na de 1980. O trabalho de José Honório Rodrigues, de 1961 seguiu uma tradição que procurava realizar uma história geral, e por isso, nele o autor analisava a história das relações entre África e Brasil do século XVI ao XX.

Os demais livros não seguem esta característica, e 3 deles têm como foco questões atuais do continente, como colonialismo, descolonização, imigração, política e economia, e portanto, o recorte geográfico é direcionado para o século XX. Outros 3 priorizaram a história antiga de África, em especial do Egito. E 1 livro trata da reconstituição histórica da agricultura em Angola, nos séculos XVI e XVII. Dos recortes geográficos, 6 destes livros abarcaram todo o continente, 2 se dedicaram exclusivamente ao Egito, 1 a Angola e outro a Nigéria.

Sobre os autores, a carreira José Honório Rodrigues se difere dos demais, pois apesar de possuir graduação e diversos cursos em universidades brasileiras e estrangeiras, ele não possui mestrado e doutorado. Contudo, foi um importante historiador brasileiro e membro de respeitáveis instituições: Academia Brasileira de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Academia Portuguesa da História, *American Historical Association* (EUA), *Royal Academy of History* (Inglaterra) e Sociedade Histórica de Utrecht (Países Baixos). Todos os

outros autores - Mario José Maestri Filho, Maria Yedda Linhares, Ciro Flamarion Cardoso, Letícia Bicalho Canêdo, Mário Curtis Giordani e José Flávio Sombra Saraiva -, possuem mestrado e doutorado, mas não necessariamente as duas formações na área de História.

Brasil e África: outro horizonte (1961), de José Honório Rodrigues é uma das primeiras obras de historiadores brasileiros sobre África, e a primeira se posicionar contra o colonialismo. No livro, dividido em dois volumes, podemos perceber uma metodologia pontual. Sobre as suas fontes, os documentos que utilizou eram todos oficiais, como boletins, relatórios e documentos da ONU, de ministérios do governo brasileiro e de governos estrangeiros também, além de cartas, inventários, ofícios, atas de reuniões e anais da câmara de deputados. Rodrigues também valeu-se de documentos e informações de outros autores, todos devidamente citados, além de uma vasta bibliografia. Suas fontes e bibliografia foram indicadas no final do livro e em notas de rodapé ao longo do texto.

A bibliografia utilizada pelo autor é bem volumosa e diversificada, contando com livros, artigos, jornais, revistas e periódicos em português, francês, inglês, espanhol e alemão. No primeiro volume, o autor aborda o século XVI até 1960, utilizando muitos autores brasileiros, principalmente Gilberto Freyre, José Honório Rodrigues (o próprio autor se cita 8 vezes), Thales de Azevedo, Nina Rodrigues, Florestan Fernandes, Roger Bastide, Edson Carneiro, Luís Viana Filho, Arthur Ramos, Orlando Ribeiro, Afonso de Taunay e Caio Prado Jr.

No segundo volume da obra, pautado no século XX, o autor utilizou somente um autor brasileiro, Moacir Werneck de Castro. A maior parte de sua bibliografia é estadunidense e inglesa, seguida de obras em francês e uma minoria em alemão e espanhol. É fato interessante que quando o autor escreve sobre os séculos XVI, XVII, XIII e principalmente XIX, utiliza uma bibliografia predominantemente brasileira, contudo, ao falar do século XX, cita praticamente só autores estrangeiros. Podemos atribuir a pouca produção brasileira sobre África no período a esta lacuna. Neste segundo momento da obra, autores como Charles Boxer, Charles Webster, Andrew Shonfield, William Butler, Paul Gache e Robert Mercier foram os mais citados por Rodrigues.

O livro de Mario José Maestri Filho, *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano* (1978), resultado de sua dissertação de mestrado, foi o único livro de História lançado na década de 1970, e a análise sobre ele é a mesma realizada a respeito de sua dissertação, uma vez que ambos são o mesmo produto.

Em comparação com a obra de José Honório Rodrigues, Maestri Filho também fez muito uso de bibliografia estrangeira, unanimemente francesa. Os dois historiadores não utilizam autores africanos para falar sobre África, preferindo escritores europeus. Contudo, suas escolhas são totalmente diferentes, visto não possuírem autores em comum. Maestri Filho, por exemplo, utilizou como principal referência Jan Vansina e seu orientador, Jean-Luc Vellut. Por sua vez, Rodrigues se apoiou em Charles Boxer e Donald Pierson.

Ciro Flamarion S. Cardoso publicou 2 livros: *O Egito Antigo* (1982) e *Trabalho compulsório na antiguidade* (1984), que abordam a África Antiga. O primeiro livro faz parte da coletânea *Tudo é História*, da *Editora Brasiliense*. O livro de Maria Yedda Linhares também compõe esta coleção, em disputa de mercado com *Discutindo a História*, da *Atual Editora*, que também lançou 2 livros sobre África, o de Leticia Bicalho Canêdo e o de Flávio Sombra Saraiva.

O Egito Antigo retrata a história do período faraônico e segue o padrão dos demais títulos da coletânea, uma leitura facilmente compreendida, acessível a diversos públicos leitores, sem notas de rodapé e indicação de fontes. A bibliografia foi organizada didaticamente e comentada pelo autor com sugestões de leitura. Primeiro Cardoso citou três autores cujas obras estão traduzidas para o português e as demais referências, todas em idiomas estrangeiros, foram dispostas por assunto.

O outro livro do egiptólogo, *Trabalho compulsório na antiguidade*, não trata exclusivamente do Egito, mas também de outros lugares do mundo antigo. Com linguagem e formatação mais acadêmica, o livro traz uma importante contribuição, pois metade dele é informativo acerca do tema, e a outra metade é composta por fontes do período, que o autor sugere serem trabalhadas com alunos dos cursos de graduação em História. Os livros de Cardoso, por tratarem de temas diferentes de José Honório Rodrigues e Mario José Maestri Filho, também utilizam fontes e bibliografias distintas, embora também sejam em sua maioria europeias (francesas e inglesas).

Dentro da temática da África Antiga, o livro *História da África: anterior aos descobrimentos* (1985), de Mario Curtis Giordani é uma valiosa contribuição para a historiografia brasileira sobre África, pois é o primeiro historiador que trabalha efetivamente com autores africanos. O autor acessou estas bibliografias através da biblioteca do Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UCAM, ao qual ele agradece em seu livro.

Em 1982 a Coleção *História Geral da África* chegou ao Brasil em uma versão traduzida e publicada pela *Editora Ática*. A chegada da Coleção H.G.A. gerou grande impacto, ampliando e tornando acessível o conhecimento sobre África, por ser em língua portuguesa, uma vez que, como vimos acima, a maior parte da bibliografia sobre o continente era publicada somente em outras línguas. Além disso, a Coleção deslocou o eixo de produção de conhecimento da Europa para o continente africano, valorizando pesquisadores e intelectuais que traziam uma nova visão e perspectiva de África, a partir de então estudada sem as lentes do eurocentrismo.

O trabalho de Giordani é um dos primeiros a representar o impacto e a importância destas obras, pois como podemos perceber em suas notas de rodapé, o H.G.A. é sua principal referência bibliográfica, em especial o volume I, que trata das questões metodológicas para abordagem sobre África e da Pré-História africana.

Apesar de trabalharem na mesma área, África Antiga, seu objeto de pesquisa é diferente, pois Ciro F. Cardoso dedica-se ao Egito, e Mario Giordani à África ao sul do deserto do Saara. Além de temas diferentes, eles também utilizam um aporte teórico distinto, visto que Cardoso priorizou autores europeus, franceses em especial, ao contrário de Giordani que utilizou em sua maioria pesquisadores africanos.

Os livros *A luta contra a metrópole - Ásia e África: 1947-1975* (1981), de Maria Yedda Linhares, *A descolonização da Ásia e da África* (1985), de Letícia Bicalho Canêdo, e *Formação da África Contemporânea* (1987), de José Flávio Sombra Saraiva, por possuírem temáticas similares, foram analisados em conjunto. Todos pertencem a coleções, sendo o de Linhares vinculado a *Tudo é História*, da *Editora Brasiliense*, e os outros 2 pertencem a coletânea *Discussão a História*, da *Atual Editora*. Essa característica influenciou no formato dos livros, marcados por uma linguagem acessível e de fácil compreensão. Os três discutiam questões atuais do continente africano naquele período, principalmente os impactos do colonialismo, das independências e as transformações políticas e econômicas vigentes em África.

Suas fontes são bibliográficas, e também muito similares. Linhares, Canêdo e Saraiva utilizam diversos autores africanos e alguns europeus, muitos já traduzidos e com versões publicadas por editoras brasileiras. Joseph Ki-Zerbo, Frantz Fanon, Albert Memmi, Kwane N'Krumah, Alpha Sow, Jack Woodis, Mustafá Yazbek, K. M. Panikkar e a *História Geral da África* são algumas das referências em comum entre as três obras. Deve-se atentar ao fato de,

por serem coleções que tinham por objetivo ser acessíveis a todos os públicos, elas procuram utilizar mais referências em português, facilitando a pesquisa de leitores interessados em aprofundar conhecimentos sobre África.

Na realidade, a partir da análise do conjunto dos 8 livros de História da África, percebemos que José Honório Rodrigues, Mario Maestri Filho e Ciro Flamarion Cardoso escrevem, no período, ancorados em uma bibliografia eurocêntrica, pautada em uma concepção limitada do continente africano.

Já a obra de Mario Curtis Giordani, mesmo em se tratando de um recorte geográfico totalmente diferente, é muito mais semelhante às obras de Linhares, Canêdo e Saraiva, pois eles compartilham das mesmas fontes bibliográficas. As referências em comum não se restringem apenas a utilização de Leopold Senghor, Joseph Ki-Zerbo e demais autores presentes na *História Geral da África*, mas também se fazem presentes outros nomes como Hubert Deschamps, F. Anfray e Bernard Shaw.

Este segundo grupo de pesquisadores, ao escolherem fontes bibliográficas afrocentricas e autores africanos em detrimento de europeus, adota uma perspectiva esforçada em se desvencilhar do eurocentrismo. Ao mesmo tempo, o sucesso de vendas destes livros (só o de Saraiva não foi editado mais vezes), mostra que esta nova perspectiva sobre África estava sendo disseminada e bem aceita no Brasil.

Balanco Final

Esta análise direcionada auxilia a compreender melhor as primeiras décadas da institucionalização dos estudos africanos no Brasil. Por meio das obras podemos perceber os movimentos de valorização do continente africano e o afrocentrismo da década de 1970. As preocupações e o posicionamento pelo fim do colonialismo, os debates sobre as independências africanas e as reconfigurações políticas e econômicas colocavam o continente no centro da discussão, no lugar de protagonista. Além disso, questões debatidas intensamente no Movimento Negro, como negritude e *apartheid*, também foram estudadas e publicadas por diversos pesquisadores.

No Brasil, esse movimento se estende até a década de 1980, pois foi a partir daí que os autores responsáveis por essas mudanças, em sua maioria africanos, começaram a ser traduzidos e publicados no país. Nessa década a área de História passou por intensas transformações no Brasil, principalmente impulsionada pelo movimento de redemocratização

e também pelo acesso a novos autores, que traziam novas opções para além do modelo marxista.

Podemos ver a contribuição destes dois movimentos em diversas obras, como a dissertação de Selma Alves Pantoja, nos livros de Mario Curtis Giordani, Letícia Bicalho Canêdo e José Flavio Sombra Saraiva. No livro de Maria Yedda Linhares notamos ainda a presença do marxismo, do mesmo modo que identificamos a presença de historiadores afrocêntricos.

A formação dos pesquisadores da área de História também contribuiu na construção de uma verdade plausível acerca de dois pontos: inicialmente, da importância dos CEA, pois muitos dos pesquisadores eram associados aos Centros de Estudos Africanos, e muitos que não o eram, fizeram uso das bibliotecas, principais locais onde se encontravam disponíveis bibliografias sobre África, traduzidas ou não, no Brasil; segundo, a importância da academia em si, pois os pesquisadores eram quase todos professores, vinculados a universidades. Tanto nos artigos quanto nos livros, praticamente todos os autores possuíam mestrado e doutorado. Não foram todos os que deram continuidade aos estudos sobre África, mas os que seguiram carreira tiveram papel fundamental para o crescimento dos estudos africanos no Brasil.

Conclusão

O impacto que o surgimento dos CEA acarretou para a institucionalização dos estudos africanos é indelével, pois a partir deles ocorreram os primeiros intercâmbios acadêmicos, diversos acordos foram firmados com universidades africanas, pesquisadores tiveram acesso a informações, livros e materiais sobre África. Também produziram muitas informações e as disseminaram através de suas revistas, que, como foi visto no segundo capítulo, constituíram pontes para diálogos acadêmicos com diversos pesquisadores africanos.

Em concomitância com este fôlego inicial, as lutas do Movimento Negro acompanharam as independências das colônias portuguesas em África. Diversos militantes não só participaram de discussões acadêmicas e leram avidamente os textos das lideranças africanas neste processo de luta, como também integraram os CEA, e dedicaram-se tanto a militância quanto a academia.

Contudo, ao longo deste trabalho, podemos notar que apesar da importância dos CEA no início, na institucionalização dos estudos africanos no Brasil, o principal agente deste processo foi as universidades e seus departamentos. É importante destacar o impacto da

Reforma Universitária de 1968,³ quando se extinguiu o sistema de cátedras nas universidades públicas do Brasil, sendo substituídos por departamentos. Deste modo, laboratórios e centros de pesquisa, antes interdisciplinares, foram esvaziados com a realocação dos professores em distintos setores. Assim, nenhum laboratório ou núcleo de estudos possuía autonomia, o que inevitavelmente prejudicou as ações dos centros de estudos africanos.

Deste modo, através dos departamentos se formaram os pesquisadores. As universidades, salvo exceções, não contratavam especialistas para trabalhar exclusivamente nos laboratórios e dedicar-se unicamente à pesquisa; elas contratavam professores. E foram estes, a partir dos esforços deles dentro dos departamentos, que disciplinas sobre África foram criadas e alunos foram orientados na produção de suas monografias, bem como recursos para pesquisas foram obtidos.

É importante ressaltar que os professores integravam os CEA e que os alunos faziam pesquisas através dos arquivos das bibliotecas dos CEA. Contudo, dentro do funcionamento das universidades, estes e qualquer outro laboratório são dependentes dos departamentos e da aprovação destes para a realização de suas atividades. Por isso, os fundadores dos centros também eram professores. Agostinho Neto (CEAO/UFBA) lecionava Filosofia do Teatro,⁴ Fernando Augusto Albuquerque Mourão (CEA/USP) Sociologia⁵ e José Maria Nunes Pereira (CEAA/UCAM), História da África.⁶

Realizamos neste artigo uma análise direcionada acerca da produção no Brasil, por brasileiros, sobre África. As Ciências Humanas foram a grande área produtora de conhecimento, em especial a História, Sociologia e Literatura. Nos três diferentes tipos de materiais que analisamos – revistas dos CEA, monografias e livros -, são os campos que predominam na produção de conhecimento. Dentre estes, a História é que mais ganha destaque nas revistas e nos livros, sendo a segunda colocada (atrás da Sociologia) nas monografias.

³ PEREIRA, Marcia Guerra. *História da África, disciplina em construção*. 2012. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012, p. 66.

⁴ REIS, Luiza Nascimento dos. *O Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia: intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1964)*. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010, p. 38.

⁵ MUNANGA, 2012, p. 11 -30.

⁶ OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. *Histórias da África e dos africanos na escola*. As perspectivas para a formação dos professores de História quando a diferença se torna obrigatoriedade curricular. Rio de Janeiro, 2010. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 171.

O século XX, em especial a sua segunda metade, foi o recorte temporal mais presente nas publicações. Este dado é uma reflexão dos principais temas estudados pelos pesquisadores acerca de África, uma vez que a reconfiguração política e econômica do continente após as independências foi marcante, despertando atenção e também inquietação. Por isso temas relacionados à política, economia, *apartheid*, colonialismo, relações internacionais foram constantes.

Na análise realizada também detectamos a maior presença de países de língua oficial portuguesa como recorte geográfico, sendo Angola o país predominante. Sabemos que o fator da língua em comum foi aspecto facilitador para os pesquisadores, além do relacionamento privilegiado com este grupo de países. Entretanto, na ordem dos países mais frequentemente estudados, primeiro aparece Angola e depois Nigéria, e na sequência surgem outros países de língua oficial portuguesa. O destaque a Nigéria pode ser atribuído aos antigos laços escravocratas que o Brasil manteve com esta nação, pois foi uma das maiores fontes de mão de obra escravizada para o país. As heranças culturais, principalmente aquelas presentes na religiosidade, foram tema de interesse dos pesquisadores, além dos Agudás, ex-cativos que retornaram a África após a Abolição ocorrida no Brasil.

O exame direcionado realizado foi importante não apenas para mapear a produção brasileira sobre África, mas também para auxiliar na compreensão deste processo de instalação dos estudos africanos no Brasil. A euforia e o entusiasmo da década de 1960 podem ser percebidas, por exemplo, no grande número de obras lançadas nesta década, muito mais do que nos anos de 1980, que sofreu com as mudanças na organização das universidades e o endurecimento do regime civil-militar. Em compensação, se em 1960 havia muito mais livros sendo publicados, a partir de 1970 as primeiras monografias foram defendidas, concretizando a qualificação acadêmica dos primeiros especialistas.

Procuramos aqui entender como iniciaram os estudos africanos no Brasil, os principais agentes e o que efetivamente foi produzido pela área de História neste período. Dos escassos pesquisadores e das apenas 17 monografias publicadas no recorte deste trabalho, sendo 8 em História, para a atual realidade destes estudos no Brasil, os avanços são inegáveis. O número de pesquisadores e trabalhos publicados cresceu vertiginosamente, e atualmente, na área de História, a grande maioria das universidades possui cadeiras obrigatórias destinadas à África.

Entretanto, sabemos que apesar dos progressos e da institucionalização, o campo dos estudos africanos ainda não está na situação ideal no Brasil, e a luta pelo reconhecimento perante instituições de pesquisas e órgãos de financiamento ainda está sendo travada.

Bibliografia:

BARRY, Boubacar. Reflexões sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia. In: BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio de uma história regional*. Salvador: SEPHIS, s/d, p. 5-34.

BELTRÁN, Luís. *O Africanismo Brasileiro*. Recife: Pool, 1987.

BITTENCOURT, Marcelo; CORREA, Sílvio Marcus de Souza. África e Brasil: uma história de afastamentos e aproximações. *Métis: história & cultura*. Caxias do Sul, RS: Educs, v. 10, n. 19, 2011.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

COSTA e SILVA, Alberto da. A história da África e sua importância para o Brasil. In: *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. 5ª. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CURTIN, Philip. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuições à história em geral. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África*, V. 1. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.

HERNANDEZ, Leila Leite. História da África no Brasil. *Cerrados (UnB. Impresso)*, v. 19, p. 231-242, 2010.

HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008, p. 149-160.

KÖSSLING, Karin Sant'Anna. Olhares sobre a África: temas dos movimentos negros brasileiros sob vigilância do DEOPS-SP (1964-1983). *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 30, n 1/2/3, Jan-Dez 2008, p. 131-64.

LOPES, Carlos. A Pirâmide Invertida - historiografia africana feita por africanos. *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Lisboa: Linopazas, 1995.

MUNANGA, Kabengele. Estudo e ensino da África na Universidade de São Paulo: atuação do Centro de Estudos Africanos e do professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, São Paulo: número especial, 2012, p. 11-30.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África em Perspectiva: Caminhos e descaminhos da historiografia africana e africanista. *Revista Múltipla*, Brasília, v. 10, n. 16, 2004, p. 9- 40.

OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. *Agostinho da Silva e o CEAO: a primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2010.

PEREIRA, José Maria Nunes. *Os Estudos Africanos no Brasil e as relações com a África – um estudo de caso: o CEAA (1973 – 1986)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1991.

----- . Os Estudos Africanos na América Latina: Um estudo de caso. O centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA). In: *Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina: herencia, presencia y visiones del otro*. Córdoba; Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales e CEA-UNC, Centro de Estudios Avanzados-Universidad Nacional de Córdoba, 2008.

PEREIRA, Marcia Guerra. *História da África, disciplina em construção*. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2012.

ZAMPARONI, Valdemir D. Os estudos africanos no Brasil: veredas. *Rev. Educ. Pública*, Cuiabá, v. 4, n. 5, jan./jun. 1995.

_____. África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro. *Cienc. Cult.*, vol.59, n. 2, São Paulo Abr/Jun, 2007.